

## Manoel Alves da Silva Caldeira e suas percepções da eclosão da Revolução Farroupilha

**Itamaragiba Chaves Xavier**

Manoel Alves da Silva Caldeira, patrono da cadeira 19 da Academia Canguçuense de História, escreveu algumas memórias sobre a Revolução Farroupilha, sendo que parte delas está publicada nos Anais do Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul, volume 5, de 1981. Esses documentos são fontes importantes para compreender a Revolução Farroupilha, pois Caldeira participou de fatos significativos do período, ao lado de figuras centrais, como Bento Gonçalves, Onofre Pires, Ulhoa Cintra etc. O presente trabalho analisará as cartas escritas em 13 de setembro de 1894 (CV – 3098) e 5 de maio de 1895 (CV – 3099), no município de Canguçu, destinadas a Alfredo Varela. Apesar dessas memórias trazerem múltiplas informações sobre o período Farroupilha, o estudo focalizará em alguns elementos apresentados por Caldeira sobre o início do Decênio Heroico.

Para Caldeira, foram Bento Gonçalves e Zambecari que traçaram a revolução, sendo aquele o líder do movimento. Na concepção do memorialista, “Bento tinha ido ao Rio e quando de lá chegou na Província tratou de dar providências para o aparecimento revolucionário” (CALDEIRA, 1981, CV – 3099, p. 336). Caldeira está se referindo à ida de Bento Gonçalves ao Rio de Janeiro para se explicar da acolhida que ele dava a Lavalleja, na fronteira de Jaguarão. Referente a esse fato, Sá Brito (1985) relata que quando D. João Lavalleja, durante os conflitos no atual Uruguai, se via impossibilitado de combater as tropas de D. Frutuoso Rivera, passava para a Província de São Pedro. Por orientação do comandante das armas, Marechal Barreto, Bento Gonçalves, então comandante da fronteira de Jaguarão, e Bento Manuel, comandante da fronteira das Missões, davam guarida a Lavalleja. O governo do Estado Oriental reclamou à Corte brasileira a proteção dada a Lavalleja pelos rio-grandenses. O governo imperial pediu conta dos fatos a Barreto, que culpou os dois Bentos. Devido a essa acusação, Bento Gonçalves foi conduzido à Corte.

Ademais, referente a esses fatos, deve-se esclarecer um pequeno detalhe. Da forma como está escrito na carta de 13 de setembro de 1894 (CV – 3098), parece que Bento Gonçalves foi conduzido ao Rio de Janeiro durante a presidência de Fernandes Braga, como pode-se observar: “Braga, presidente da Província, não se conformando com a hospedagem que Bento dava aos ditos orientais, acusou Bento

Gonçalves de estar tramando a revolução com proteção dos orientais, e por isto foi Bento Gonçalves chamado ao Rio de Janeiro” (CALDEIRA, 1981, CV – 3098 p. 331). Realmente, durante o governo de Braga, Bento foi novamente acusado de estar em conluio com os orientais para realizar a revolução, mas a ida ao Rio de Janeiro foi anterior à presidência de Antônio Rodrigues Fernandes Braga. Inclusive, de acordo com Spalding (1963), Bento Gonçalves, durante sua estada no Rio de Janeiro, atuou para que Fernandes Braga viesse a ser o presidente da Província de São Pedro.

Caldeira considera que Bento Gonçalves não estava concertando apoio dos orientais para a eclosão do movimento farroupilha, “nem deles precisávamos porque de tudo tínhamos com abundância” (CALDEIRA, 1981, CV – 3098, p. 331). Para o memorialista, esses em nenhum momento do conflito auxiliaram os farrapos. Inclusive, ele considera que os uruguaios se beneficiaram com o fato de a Revolução Farroupilha ter sido tão longa, podendo assim alcançarem o “reconhecimento da independência deles” (CALDEIRA, 1981, CV – 3099, p. 335).

O memorialista compreende que os atos de Braga não são os causadores do movimento, pois o descontentamento dos rio-grandenses vinha de longa data. A revolução foi feita pelo que se passava na Província e derrubar Braga da presidência era somente o primeiro passo para o chefe da revolução, Bento Gonçalves, “ficar de posse da Província para mais tarde dar-se o viva à República”, pois desde o início esse era o seu pensamento, somente esperava o momento oportuno para executá-lo (CALDEIRA, 1981, CV – 3098, p.332).

Caldeira acrescenta que “se Bento encontrasse eco nas suas palavras, a República seria proclamada por ele no princípio da revolução, mas como não encontrou, guardou segredo” (CALDEIRA, 1981, CV – 3099, p. 336). Além disso, afirma que somente Bento Gonçalves, Onofre, Calvet e Zambecari sabiam dos planos de República e que Neto e outros chefes entraram no movimento acreditando que o único objetivo era depor Braga da presidência da Província de São Pedro. No entanto, Bento Gonçalves não tinha a intenção de separar-se do Brasil. O objetivo era estabelecer uma República Federativa entre as Províncias brasileiras.

Nesse sentido, na carta anterior, Caldeira havia advertido Alfredo Varella, “deveis saber que desde 1826 trabalhava-se no Brasil para a forma de governo republicano, sendo a república federativa. Sendo assim não podia ficar o Rio Grande fora da federação brasileira” (CALDEIRA, 1981, CV – 3098, p. 333). Pode-se observar

a ideia de um movimento brasileiro com o objetivo de construção de uma república federativa.

Apesar de o memorialista fazer tais afirmações, não se pode desconsiderar que os atos de Braga ajudaram a desencadear a revolução, inclusive, suas atitudes agravaram o descontentamento dos rio-grandenses, como, por exemplo, a criação do imposto de 10 mil réis sobre a légua quadrada de campo; tributo que afetaria parte significativa da elite local. Esse e outros atos de Braga estão no manifesto de Bento Gonçalves, de 29 de agosto de 1838, que Caldeira compreende ser o documento no qual constam os verdadeiros motivos da eclosão da Revolução Farroupilha (CALDEIRA, 1981, CV – 3098). Nesse documento, Bento Gonçalves da Silva (1985) enumerou muitos outros motivos que impeliram os rio-grandenses a se rebelarem contra o governo central brasileiro.

Diante do exposto, pode-se afirmar que Caldeira considerava Bento Gonçalves o líder da revolução, que não orquestrou e não recebeu apoio dos orientais e desde o início tinha como objetivo estabelecer a República na Província de São Pedro. O memorialista compreendia também que o movimento objetivava defender a Província de São Pedro dos abusos empregados pelo governo central brasileiro. Além disso, põe a Revolução Farroupilha como um movimento brasileiro que almejava estabelecer uma república federativa no Brasil.

Conforme apresentado no início do presente texto, as memórias de Manoel Alves da Silva Caldeira são fontes importantes para os pesquisadores da história da Revolução Farroupilha. No entanto, é fundamental cotejá-las com outras fontes e com os estudos de historiadores que se debruçam sobre o tema para contrapor os relatos e as interpretações de Caldeira e corrigir alguns equívocos. Além disso, os historiadores precisam considerar, nas suas análises, a conjuntura política e cultural do Rio Grande do Sul no momento da escrita dessas memórias, e que Caldeira escreve estas cartas no período em que atuava em defesa da República; inclusive, foi “fundador e Presidente do 1º Clube Republicano de Canguçu, organizado no 2º Distrito (região da Florida, em 1882)” (BENTO, 1993, p. 36).

## Referências

BENTO, Cláudio Moreira. **O exército farrapo e os seus chefes**. V.2. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1993. Disponível em: <https://velhogeneral.com.br/wp-content/uploads/2020/08/O-EXERCITO-FARRAPO-E-OS-SEUS-CHEFES-V2.pdf>. Visto em: 20jul23.

CALDEIRA, Manoel Alves da Silva. Cartas 3098 e 3099. **Anais do Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul**. V.5. Coleção de Alfredo Varela. Porto Alegre, 1981.

SÁ BRITO, Francisco de. **Memória da guerra dos farrapos**. JAQUES, Paulino (prefácio, introdução biográfica e notas explicativas). Reprodução fac-similada do original. Comissão Executiva do Sesquicentenário da Revolução Farroupilha. Porto Alegre, 1985.

SILVA, Bento Gonçalves da. **Coletânea de Documentos de Bento Gonçalves da Silva (1835-1845)**. Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul. Comissão Executiva do Sesquicentenário da Revolução Farroupilha. Porto Alegre, 1985.

SPALDING, Walter. **A epopeia farroupilha**. (Pequena história da grande Revolução, acompanhada de farta documentação da época – 1835-1845). Rio de Janeiro: Bibliotéca do Exercito, 1963.